

A ESTÉTICA DA FRASE OU FONOSSINTAXE

Wandercy de Carvalho (UFT)
wcarvalho@mail.uft.edu.br

RESUMO

Meu objetivo é expor e destacar a importância da *estética* da frase. A pesquisa será desenvolvida a partir dos estudos elaborados por Ricardo Cavaliere (2011), Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira (1971), Evanildo Bechara (2001) e outros. Inicialmente faço levantamento dos possíveis estudos sobre o tema, em seguida destaco as principais ocorrências para justificativas. O *corpus* é composto por realizações, tais como: “menção ao autor”, “desagradável ao ouvido”, dentre outras. O resultado demonstra que estes exemplos estão presentes em textos produzidos por pessoas de diferentes níveis de escolaridade e tais ocorrências merecem estudo, visto que as mesmas, possivelmente, ocorram por falta de orientações referentes à estética textual.

Palavras-chave: Estética. Frase. Fonossintaxe.

1. Introdução

A *fonossintaxe* está relacionada às questões vinculadas ao plano fonológico e sintático, de acordo com o que propõe Ricardo Cavaliere (2011). A mesma vai contribuir para melhor inserir os discentes nas práticas de leituras e produções de textos. Tais instruções vão mostrar que, no momento de escrever um texto com uma textualidade inquestionável, existem outras preocupações além do conhecimento sobre as normas gramaticais.

Assim, o *propósito* maior da *fonossintaxe* é despertar, tanto no leitor, quanto no autor, e, especialmente nesse último, a preocupação com a *seleção lexical*, para que esta proporcione não só boa *fluidez articulatória*, como também, *sonora*, uma vez que, quanto melhor se apresentam estes dois elementos, mais agradável e compreensível será o texto. Portanto,

aqui é destacada ênfase na exploração de adequados articuladores textuais, principalmente, na ocasião de reescrever o texto. Porque é neste momento que o professor, ou o próprio autor centra sua atenção naqueles diferentes aspectos do texto que está sendo escrito/reescrito ou avaliado.

A fluidez textual, prevista ou esperada, *convém*, portanto, que seja cobiçada por todos os autores. E eles variam muito, mas independente do grau de escolaridade deles ou do gênero textual que escrevem, é necessário constatar que a *fonossintaxe* não só vai implicar a subjetividade dos processos de ensino aprendizagem, como também, vai *ampliar saberes* para a leitura e a escrita em todos os níveis de escolaridade.

Produzir ou ensinar a produzir textos, portanto, requer outros conhecimentos que vão além daqueles relacionados às teorias sobre a língua. Só conhecê-las não garante que o texto fique agradável, claro e compreensível, tanto do ponto de vista sintático e semântico, quanto do *fonológico* e *articulatório*.

Na hora da produção textual, é preciso atenção voltada para a estética da frase, porque, sem ela, o texto poderá expor construções do tipo: “*o que quer que*”, “*desagradável ao ouvido*”, dentre muitas outras. Estas questões serão aqui abordadas com base em Ricardo Cavaliere (2011), Evanildo Bechara (2001), Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira (1971) e outros.

2. A estética da frase ou fonossintaxe

Os estudos desenvolvidos pelos autores citados acima tratam de variados fenômenos ocorridos na palavra tomada isoladamente, ou de modificações fonéticas sofridas por elas em função da influência causada pela proximidade com outros vocábulos. Além daquelas importantes instruções é possível acrescentar outras.

Veja o exemplo (1): “O bisavô do Marcos tinha como passatempo o tiro *ao alvo*²⁴”. (RUIZ, 2010, p. 133)

O exemplo acima foi tirado de um ótimo livro que aborda questões de produção de textos na escola. No livro citado, a pesquisadora expõe diferentes questões de correções, reescrita e até ‘como não corrigir redações na escola’. Tendo em vista as numerosas questões para ser observadas em um livro com aquelas características e propostas de trabalho, é possível que escape uma observação como a que destaquei. No entanto, para nós professores, em função das muitas questões a ser destacadas em uma orientação ou pesquisa, este é um fato involuntário que nos escapa. Contudo, a presença daquela ocorrência é ótima! Sem ela, não seria possível destacá-la para exemplificação.

Assim, em função da proposta desta pesquisa, que aborda fatos relacionados aos processos de escrita/reescrita ou correção textual, além de muitas outras observações que são expostas aos discentes, o exemplo acima é um, dentre outros, que devem ser levados em conta na hora da escrita, e, consequentemente, eliminados. Para nós professores, além de destacarmos a sonoridade presente em ‘tiro ao alvo’, é importante destacarmos a importância de se observar a *transitividade* dos verbos. O verbo atirar pede preposição *em* (atirar em algo ou em alguma coisa). Quando esta exigência não é seguida, o texto vai apresentar alguma irregularidade, principalmente quando usado em textos denotativos, isto se dá, porque o leitor não terá uma informação apropriada.

Veja os exemplos:

Quando digo "Atirei uma pedra *no* lago", informo ao leitor onde a pedra caiu. (Adjunto adverbial lugar).

²⁴ A criança que produziu esse enunciado cursa a 6ª série do ensino fundamental.

"Atirei uma pedra *ao* lago". Nesta ocorrência, o leitor não é informado se a pedra, realmente, caiu no lago, informo apenas a *direção* para onde a pedra foi lançada. Este é, portanto, um detalhe sutil, mas significativo. Quem segue esta orientação demonstra ter noções de sintaxe e, conseqüentemente, este fato expõe domínio da norma padrão, e este conhecimento faz a diferença entre escrever ou não escrever *bem*.

Vale ressaltar, entretanto, que o primeiro exemplo é uma ocorrência que pode ser encontrada em diferentes graus de escolaridade. Ela acontece tanto em textos escritos por estudantes do ensino fundamental e médio, quanto em textos escritos por doutores, e, de igual modo, até mesmo em gramáticas.

Veja o segundo exemplo: "Frequentemente o encontro, na frase, de fonemas produz efeito desagradável *ao* ouvido". (RIBEIRO, 2006, p. 75)

Embora Manuel Ribeiro esteja falando de encontros de fonema que provocam ruídos desagradáveis para ouvir, ele, sem perceber, produz um típico exemplo que deve ser evitado. De imediato se pode induzir que tal uso não faz parte da estilística e, possivelmente, não se poderia supor tratar-se do "estilo do autor", no entanto, apenas, uma breve distração involuntária de sua equipe, no momento que estava redigindo o texto²⁵ base.

A partir destas questões, o leitor constatará que é preciso estabelecer criteriosa atenção tanto na seleção das palavras quanto na sua organização sintática. Nas ocorrências (1) e (2), acima, constata-se *excesso de vogais juntas*, fato este que deve ser evitado, porque, de acordo com o que se constata, elas provocam ruídos desagradáveis no ouvido, principalmente na

²⁵ Centenas de exemplos parecidos podem ser encontrados na internet, principalmente em dicionários *online* e blogs, quando tratam sobre o tema –"cacofonia".

pronúncia dita carioca, em que o "l" pós-vocálico é pronunciado como "u".

Pensar na estética textual é um cuidado a mais, no momento de se construir um texto, ou seja, na hora de escrever, convém estar atento, não só à clareza das informações, como também, à fluidez articulatória. Embora esta última esteja vinculada à parte externa do texto, ou seja, à roupagem textual, ela também precisa passar por um criterioso “polimento”.

O que vem a ser este polimento na “roupagem” textual?

O polimento do texto está vinculado a práticas que ultrapassam a textualidade, ou seja, é um cuidado com o texto que está além do equilíbrio entre coesão e coerência. (É possível existir texto coeso e coerente com problemas na sintaxe. Destaco os exemplos (4) e (10). Portanto, o polimento textual está centrado em dois fatores:

- a) o texto deve estar escrito de acordo com a norma padrão;
- b) o texto deve ser agradável sonoramente, independente do gênero.

Assim, o ato de “polir” um texto para torná-lo belo é uma estratégia que todo autor deve pôr em prática. Esse ‘torna-lo belo’ não diz respeito ao sentido visual propriamente dito, mas no que se refere à clareza das informações e à fluidez da leitura. Na realidade, este ato deve ser continuamente posto em prática, uma vez que vai expor um pensar sobre a estética do texto, para torná-lo mais atraente, agradável e acessível. E, assim, aquele pensar sobre a estética do texto transformará o autor em um facilitador ou um auxiliar do leitor.

De igual modo, assim como um atencioso ourives percebe a presença de minúsculos fragmentos que devem ser retirados de uma pedra preciosa, mesmo que isso a torne menor, um cuidadoso autor também precisa estar atento para encon-

trar certos elementos linguísticos que não estão bem colocados no texto. Em razão disso, os mesmos devem ser excluídos ou substituídos, para que a sua produção escrita, não seja somente um manual informativo, jurídico, publicitário ou um instrumento educativo etc., mas também um valioso *produto cultural*.

Além dos muitos operadores argumentativos que podem e devem passar por um processo de polimento, de igual modo, o som e o ritmo precisam ser revistos e avaliados com *igual critério*. Esses dois fatores estão mais relacionados à sintaxe, e, quando não são bem observados, vão contribuir para formar expressões do tipo: ‘desagradável ao ouvido’, ‘fez elogio ao autor’, ‘dirigiu uma agressão ao auditor’ etc. Ao contrário do que muitos possam imaginar, a estética da frase não está vinculada somente à poesia. A estética da frase deve estar presente em todos os textos, inclusive, nos acadêmicos.

No que se refere a usos, tanto as joias quanto os textos têm um público e um momento particular, e ambos deverão estar alinhados de acordo com o momento de socialização. E já que aqui estão sendo expostas questões que passam, principalmente, pela produção de textos para uso acadêmico, é necessário que eles estejam livres das dissonâncias, das cacofonias ou demais vícios de linguagem.

Convém dizer que esta preocupação com a arte de bem escrever é antiga. No período de Augusto, século I d. C., Horácio, além de muitas outras recomendações nas *Epistula ad Pisones*, destaca: “O mérito da obra em qualidades que lhe parecem inerentes, impõe eliminar o supérfluo que cansa o ouvido”²⁶. (ARISTÓTELES et al. 1985, p. 7). De igual modo, é possível destacar o fato de que tanto as gramáticas antigas

²⁶ Com esse mesmo tema, Plínio, o jovem, escreve: *Non multa, sed multum*. Não muitas (palavras), mas muito. Isto é, ao escrever, não convém usar muitas palavras, mas poucas, com profundos significados. (*Epis.*, liv. VII, 9).

quanto as contemporâneas estão repletas de recomendações relacionadas à prática do bem escrever. Por exemplo, Eduardo Carlos Pereira (1918, p. 263) diz que:

os vícios de linguagem que deturpam e desvirtuam a língua são:
1. Barbarismo; 2. Solecismo; 3. Amphibologia; 4. Obscuridade;
5. Cacophonia; 6. Hiato; 7. Echo; 8. Collisão; 9. Archaísmo; 10. Neologismo; 11. Brasileirismo; 12. Provincianismo.

Embora estas recomendações pareçam antigas, ainda permanecem em completa validade. Portanto, na hora de escrever, é necessário haver constantes preocupações com esses fatores que podem interferir na qualidade da produção textual. Exemplo (3):

(3) “Menção ao autor do texto resumido”. (MACHADO, LOUSADA & ABREU-TARDELLI, 2010, p. 7)

O exemplo (3) foi extraído de um ótimo livro que aborda questões sobre como escrever resumo acadêmico. A construção destacada ocorreu ali, como pode ocorrer com qualquer um de nós professores. Muitas vezes, escrevemos com o pensamento em outras atividades que estão sendo desenvolvidas, paralelamente, e por isso não estamos imunes a fatos menos importantes; no entanto, os mesmos tornam-se contribuições valiosas para outras pesquisas.

As ocorrências (2) e (3) são fáceis de ser encontradas²⁷. Mas, na realidade, elas não deviam aparecer ali. Todas resultam de ações involuntárias de autores, que vão transformar os leitores em caninos, e assim, vão obrigá-los a produzir onomatopeias próprias de cão, (*au, au*), (*desagradável ao ouvido*), (*menção ao autor*).

²⁷ Quando ambos os recursos são lançados no Google para descobrir a quantidade de usos, o número é muito elevado. Ambos variam em diferentes suportes, (dicionários, jornais, cartas de leitores etc.). Fato semelhante ao exemplo (2) também aparece em Evanildo Bechara (2001, p. 74).

Quem ler essas duas construções vai constatar uma proximidade com o latir dos cães. Na realidade, identifica-se nos dois casos a presença de cacofonias. Conforme se percebe, na cacofonia, não se pode falar, apenas, de desagradáveis efeitos acústicos. Nesse recurso linguístico é possível imprimir efeitos ideológicos, preconceitos, aborrecimentos e também outras manifestações capazes de gerar conflitos.

Em decorrência daquela onomatopeia canina provocada pelo encontro de muitas vogais (*au, au*), é um efeito sonoro não recomendado, principalmente em textos denotativos ou acadêmicos. Ainda assim, dentre todas as construções aqui destacadas, esta ocorre aos milhares em textos disponíveis na internet. Contudo, quando se tem consciência desse inconveniente, é possível desfazer aquele excesso de vogais.

Como exemplo, refaço a ocorrência (3):

(3.1) (Convém) mencionar o autor do texto resumido.

Com o novo arranjo sintático, das seis vogais que antes ocorriam juntas, foi possível eliminar três, fato este que trouxe pontos positivos para o texto. Dentre eles destaco o desaparecimento da onomatopeia canina, a melhor articulação vocabular e também a sua audição.

3. *Estética sintática*

Este argumento é parte do que foi exposto acima. A estética sintática está vinculada à organização das palavras na frase. Ela diz respeito, também, tanto à distribuição, quanto ao excesso de palavras; ambos os casos podem e devem ser evitados. De acordo com o que vem sendo exposto até aqui, a noção de estética sintática poderá resolver muitos problemas de má formação textual. Exemplo (4).

(4) (...). Tem-se aqui um típico caso que expõe a falta de atenção, na qual ao se mostrar os diferentes equívocos, e os diferentes resultados, vai ocorrer (...).

(5) (...). Tem-se aqui um típico caso que expõe a falta de atenção.

O exemplo (5) demonstra que os sons desagradáveis não ocorrem somente com o excesso de vogais. As consoantes, quando repetidas, também são capazes de provocar alguns danos ao texto. O referido exemplo expõe três sons da consoante *k*, os quais podem ser evitados.

Ao refazer o texto, o resultado é o seguinte:

(6) Tem-se aqui um caso típico a expor a falta de atenção.

Após a exclusão dos desagradáveis ruídos gerados pelo excesso de fonema surdo /*k*/, o fragmento do texto ficou mais agradável de ser lido ou de ser ouvido.

Como se deu o processo de redução daqueles ruídos, sem modificar o texto?

O simples deslocar de posição da palavra resolveu um dos problemas. A troca de lugar de *típico caso*, para *caso típico*, (fazendo com que as sílabas (*co ca*) ficassem distanciadas, resolveu um dos problemas. José Oiticica (1959, p. 11) denomina de solecismo o erro de sintaxe. No exemplo citado, o “erro” (?) foi desfeito com uma simples troca de posição da palavra. José Oiticica (idem, p. 71) denomina de *cacófatón* a palavra obscena ou inconveniente resultante do encontro de duas palavras. (*típico caso*).

Ernesto Faria (1959, p. 230), tratando da sintaxe e da estilística latina, observa que “as regras da sintaxe de uma língua qualquer que seja, não são lógicas, a construção lógica da frase é que se considera subordinar numerosos fatores”. Como se pode constatar em *caso típico*, a lógica predominou sobre as demais “regras” da construção frasal.

Quando o verbo é levado para o infinitivo, ocorre a exclusão da preposição *que*.

Exemplo:

(7) (...) um típico caso *que* expõe > a expor.

(8) (...) tem-se aqui um caso típico a expor a falta de atenção, na *qual ao* se mostrar os diferentes equívocos, e os diferentes resultados, (...).

A substituição do pronome relativo preposicionado (em + a qual), pelo pronome substantivo reto de 3ª pessoa reduz o número de vogais.

(9) (...) tem-se aqui um caso típico a expor a falta de atenção. Nela, ao se mostrar os muitos equívocos e os diferentes resultados, vai ocorrer (...).

De acordo com os exemplos acima, para que a estética textual seja posta em prática, basta estar atento ao som articulado entre palavras. Quando ele não for agradável, a troca de posição ou rearranjo sintático, ou a substituição de vocábulos, certamente resolverá o problema. Nesse caso, a estética sintática se inter-relaciona com a estética fonológica. No entanto, para que este problema seja solucionado, os autores/ estudantes deverão ter algumas informações sobre o fato. Exemplo 10:

(10) O colégio dará bolsa de estudo *integral ao autor* da melhor redação.

O problema do exemplo (10), também parecido ao (1), (2) e (3), pode ser solucionado apenas com um arranjo sintático²⁸.

(11) O autor da melhor redação será contemplado com bolsa integral.

As palavras que antes formavam a onomatopeia foram postas nos extremos da frase. Com isso, não existe nenhuma

²⁸ Aqui proponho uma solução para o exemplo (2): Muitas vezes, encontros de fonemas produzem efeitos desagradáveis de ouvir/desagradáveis para ouvir.

chance de ocorrer a repetição dos ruídos anteriores. A partir de um novo arranjo sintático, no qual foi possível atribuir à palavra autor a função de sujeito gramatical, tornou-se possível evitar a antecipação de outro vocábulo, principalmente daqueles formados com muitas vogais.

4. Outros recursos que devem ser evitados

Muitas vezes, no ato de escrever, ocorrem expressões que, embora corretas, convém que sejam evitadas, porque vão proporcionar resultados não muito satisfatórios.

Dentre as possíveis expressões, destacam-se as seguintes:

4.1. O que quer que

Não cabe aqui discussões sobre os diferentes funcionamentos da construção *o que quer que*; destaco apenas o fato de, com o passar dos tempos, ela ter-se reduzido, muitas vezes, a *que quer*; por meio de um processo sintático denominado haplogogia (SILVEIRA, 1971, p. 85). A relação que esta construção expressa é de valor disjuntivo entre duas ou mais alternativas. (Cf. NEVES, 2011, p. 871)

(12) Onde quer que se encontrasse, *o que quer que* estivesse fazendo, não o largava. (NEVES, 2011, p. 871)

Quando a construção em destaque está após o verbo, pode ser excluída sem nenhum prejuízo para o texto original.

(13) Semelhante àquele outro país da América do sul, o Brasil estava a seguir o mesmo caminho para o caos, sem sequer explicar *o que quer que seja*.

Outros comentários poderiam ser acrescentados, mas em função da proposta inicial deste trabalho, destaco apenas que, devido a sua “dura” articulação, o recurso linguístico em questão, se retirado, não causará prejuízo ao texto.

Os exemplos (12) e (13) podem ficar assim:

(14) Onde quer que se encontrasse, ou o que estivesse fazendo, não o largava.

(15) O Brasil estava a seguir o mesmo caminho para o caos, sem explicar *nada*.

Por meio de uma rápida consulta à internet é possível encontrar centenas de textos que fazem uso da construção *o que quer que*. Esta ocorrência, embora adotada até na língua literária, deve ser evitada, porque ocasiona uma sequência de sons desagradáveis, tanto para ouvir, quanto para articular. Convém, no entanto, lembrar que este, assim como outros recursos, pode ser usado em casos estilísticos. Alguns deles serão expostos mais abaixo.

4.2. Tirado do documento

Esta construção também pode ser encontrada em centenas de textos disponibilizados na internet, principalmente aqueles produzidos por políticos. Destaco o discurso elaborado pelo senador Fernando Collor de Mello em 11/05/2016.

(16) "Ruínas de um governo", foi tirado do documento que pediu o meu impedimento, em 1992. (MELO, 2016)

O recurso linguístico em destaque, semelhante aos outros apresentados, pode ser trocado por outros disponíveis no interior da língua. O exemplo em questão, dentre novas possibilidades, poderia ficar assim:

(17) "Ruínas de um governo" é parte do texto que selou o meu impedimento, em 1992.

4.3. Saudade de diversos alunos

Este conjunto de sons, do qual faz parte, no centro, a preposição *de*, e uma palavra que termina com *-de*, e outra que tem *de-/di-*, na primeira sílaba, também deve ser evitado. Prin-

principalmente porque ocorre a formação de outra palavra não desejada, (*Didi*). Outros exemplos:

(18) *Vontade de dizer*, *saudade de Diadema*, *saúde de Dimas* etc.

5. *Inutilia truncat*

O exagerado uso de orações subordinadas motiva a presença de muitos “quês”; por isso, este recurso, quando possível, deve ser amenizado. Como exemplo, destaco, mais à frente, um fragmento de texto no qual se pode constatar a inutilidade do excesso de “quês”; a partir da percepção dos mesmos, em nossa mente, surge o alerta sobre o cuidado que se deve ter com o manuseio da subordinação.

(19) É indispensável *que* se conheça o critério *que* se adotou para *que* sejam corrigidas as provas *que* se realizaram ontem, a fim de *que* se tomem as providências *que* forem julgadas necessárias. (GARCIA, 1985, p. 413)

No exemplo (19), a expressão latina: *inutilia truncat* (tire os excessos) é muito apropriada, principalmente porque seu uso demonstra ser a estética textual, desde os tempos antigos, uma preocupação frequente. Sendo assim, após transformar as orações subordinadas substantivas em reduzidas de infinitivo ou em substantivos e as adjetivas em adjetivos, o texto que antes apresentava excesso de “quês”, ficou assim:

(20) É indispensável conhecer o critério adotado para a correção das provas realizadas ontem, a fim de se tomarem as providências julgadas necessárias.

Ainda de acordo com o exemplo (19), ali estão em destaque palavras que podem ser retiradas sem prejuízos para o texto. Estar atento às imperfeições e aos exageros deve ser uma constante no momento de escrever. Com o exemplo exposto, observa-se o quanto é importante a noção sobre os excessos ou também o que pode ser retirado, quando o texto está

em processo de construção/revisão. A partir da expressão latina *inutilia truncat*, é possível manter a mente sempre alerta para que o texto não contenha mais palavras e nem mais informações além daquelas que sejam necessárias.

6. Traço estilístico x erro gramatical

Por outro lado, em oposição aos recursos destacados acima, existem outros que, quando usados intencionalmente em textos literários, provocam surpreendentes efeitos fonostilísticos. Exemplo:

- (21) Quando vi a boca *dela*
se iluminar em agradáveis risos
ao ser surpreendida com outro,
eu disse: mulher, deixe-me *já!*
Deixe-me, *e*, agora! *Vá, vá!*

No exemplo (21), aparecem efeitos acústicos a ser evitados, mas somente em casos que demonstrem não serem eles propositais.

Assim, traço estilístico e erro gramatical são duas ocorrências frequentes nos textos. No entanto, existe nítida distinção entre ambos, “o traço estilístico pode ser um desvio ocasional da norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva. O erro gramatical é o desvio sem intensão estética” (BECHARA, 2001, p. 618). E, também, sem a consciência da presença do referido “erro”. Tanto esta exposição de Evanildo Bechara, quanto a que está em Othon Moraes Garcia, 1975, p. 94), que, ao falar sobre estilo, denomina-o como “a forma de expressão peculiar a certo autor em certa obra de certa época”. De igual modo, aquela proposta por José

Oiticica (1959, p. 10), o qual propõe seis *qualidades*²⁹ para melhor caracterizar o estilo.

No entanto, além do “erro” gramatical e do estilo individual, existe uma terceira possibilidade capaz de provocar ‘interferências’ em textos: a desatenção. Ela dá origem a pequenas falhas, capazes de prejudicar o texto. A desatenção faz surgir ocorrências tais como as que aparecem nos exemplos (2), (3), (4) e (10).

Naqueles exemplos destacados e em outros possíveis, não se pode falar em erros no sentido lato do termo, nem atribuir tais práticas à estilística. Ainda assim, estão lá e ocorrem, possivelmente, por desatender ao critério da fonossintaxe.

Por outro lado, de acordo com o comentário sobre os exemplos (2) e (3), onde ficou destacada a inconveniência da onomatopeia canina, este recurso estilístico, além de conter efeitos acústicos desagradáveis, é capaz de expor, ainda, não só fatos ideológicos, como também preconceitos, aborrecimentos e outras manifestações capazes de gerar conflitos. Mesmo assim, por serem planejados, proporcionam impressões positivas nos textos literários.

No exemplo a seguir, fica nítida a diferença entre o erro gramatical e o traço estilístico. Na sequência, o modo de grafar aquele fonema que em outra situação poderia parecer desagradável e impróprio, aqui ele acrescenta atributos ao texto, visto que, também, proporciona efeitos estéticos.

Neste caso, a onomatopeia é usada para provocar aborrecimentos.

²⁹ Segundo Oiticica (1959), a correção, a concisão, a clareza, a harmonia, a originalidade e o vigor compõem as qualidades do estilo; em oposição a tais qualidades estão os seis *defeitos*: a impureza, a prolixidade, a obscuridade, a desarmonia, a banalidade e a frouxidão.

22) INFÂNCIAS

Nos meus tempos de criança,
morava na minha rua
um velho professor de latim
chamado Peel.

E os meninos, para aborrecê-lo,
ficavam no portão da casa dele
chamando, insistentemente!

– Piu, piu, piu, piu, piu...!

Outras vezes, voltando da escola,
endiabrados, passavam a chamá-lo:

– Pinto, pinto, pinto, pinto...!

Nessa hora, o velho, enlouquecido,
saía da confortável casa,
com uma espingarda na mão.

E era correria para todos os lados...!

Conforme se percebe, o efeito fonostilístico nesta onomatopeia é marcante. O leitor é induzido a materializar a ideia do som que imita, em substância palpável e visível (pio > pinto). Assim, quando tem uma função estética, a onomatopeia deve permanecer no texto. Nos exemplos (21) e (22), as ocorrências estéticas foram planejadas e calculadas, intencionalmente. Neste momento, estou pondo em relevo o que Evanildo Bechara (2001, p. 29) denomina criatividade da linguagem humana.

Além dos dois exemplos acima, destaco ainda a entoação, uma expressão extralinguística, que ocorre quando o escritor conhece os recursos estilísticos e os utiliza, voluntariamente, para acrescentar um efeito particular ao texto. Exemplo:

(23) “Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:

– Mentira!... Mentiiiiira! ... Mentiiiiiiiiiiiiira!” (BECHARA, 2001, p. 30)

Por sua vez, Ricardo Cavaliere (2011) esclarece que o alongamento da vogal, conforme o exemplo (23) é um procedimento fonológico convencional, do qual se ocupa a estilística fonológica.

Assim, quando planejados, os exemplos (21), (22) e (23) podem contribuir para enriquecer o texto literário. Por outro lado, quando se tratar de textos acadêmicos, é fundamental a contínua atenção para que sejam evitadas todas as ocorrências aqui destacadas. Elas não provocam “erros” nos textos, no entanto determinam implicações subjetivas muito valiosas para o ensino e a aprendizagem.

7. Conclusão

A partir do exposto é possível concluir que para escrever um texto não basta apenas conhecer as regras gramaticais. Além dessas preocupações, existem outros fatores externos à língua que precisam ser observados; dentre eles, destaco o excesso de vogais juntas, as cacofonias e os cacófatons. Mas convém não esquecer que esses dois últimos recursos, dependendo do texto, são bem-vindos; no entanto, em textos acadêmicos, devem ser evitados. Em razão disso, para escrever, é preciso, também, ter noções de gêneros textuais para saber a diferença entre eles.

Assim, do mesmo modo como um indivíduo deve se preocupar com o padrão de roupa, com o visual, com o seu lado exterior, ao ir a um casamento ou à praia, também deve existir um cuidado com a estética do texto escrito. Para obtê-la, devem ser observados não só fatores que envolvam o rigor dos acordos ortográficos, como também preciosa atenção à seleção vocabular, de acordo com a fonossintaxe. Ela fará perceber o que pode e o que não pode permanecer no texto, para que ele fique, esteticamente, polido.

Segundo o exposto, para escrever um bom texto, é necessário:

- a) *inutilia trunquat* (eliminar os excessos).
- b) evitar o acúmulo de vogais ao longo da frase. (Ex.: *falei ao auditor*)
- c) evitar encontro de sílaba final de palavra que se agrupe à sílaba inicial da palavra seguinte.
- d) não cometer erros que demonstrem desconhecimentos da norma padrão.
- e) observar que o *l* final, em quase todo o Brasil, soa como a semivogal *u*, por isso é importante estar atendo à sílaba da palavra seguinte. (Ex.: Um homem é *igual ao outro*), mas sim. (Um homem é semelhante a outro).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad.: Jaime Bruna. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FARIA, Ernesto. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MELO, Fernando Collor de. *Discurso completo de Fernando Collor de Melo* em 11/05/2016. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2016/05/fernando->

collor-relembra-impeachment-de-1992-em-discurso-no-senado>. Acesso: 26-09-2016.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lilia Santos. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

OITICICA, José. *Manual de estilo*. 8 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1959.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Expositiva curso superior*. 8. ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola*. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVEIRA, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.